

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

ASPECTOS LIGADOS A NECESSIDADE
LÍQUIDA DE CAPITAL DE GIRO

Gicele Dutra

Florianópolis

1999

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

ASPECTOS LIGADOS A NECESSIDADE
LÍQUIDA DE CAPITAL DE GIRO

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Ciências Contábeis, do
Centro Sócio-Econômico, da Universidade
Federal de Santa Catarina, como requisito
parcial para a obtenção do grau de bacharel
em Ciências Contábeis**

Acadêmica: Gicele Dutra

Orientador: Guilherme Júlio da Silva

Florianópolis


1999

ASPECTOS LIGADOS A NECESSIDADE LÍQUIDA DE CAPITAL DE GIRO

Acadêmica: Gicele Dutra

Esta monografia foi apresentada como Trabalho de Conclusão no Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina, obtendo a nota média de 7,5, atribuída pela banca constituída pelos professores abaixo nominada.

Florianópolis, 08 de Agosto de 1999.


Prof. Maria Denize Henrique Casagrande
Coordenadora de Monografia do CCN

Professores que compuseram a banca:


Presidente Prof. Msc. Guilherme Júlio da Silva


Membro Prof. Msc. Marcos Laffin


Membro Prof. Rainoldo Uessler

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me iluminou no decorrer de todo o curso.

Aos meus pais, por toda a educação, amor, confiança e apoio.

Ao meu marido, que me ajudou muito no decorrer do curso, especialmente por sua compreensão e carinho.

Ao meu filho, pela compreensão dos momentos que estive ausente, dedicando-me aos estudos.

Ao professor Guilherme Júlio da Silva, que com sua experiência e capacidade, me orientou na execução desta monografia.

Aos professores, colegas de curso, amigos e demais colaboradores, que contribuíram de alguma forma para a consecução da presente monografia.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	iii
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I	
CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO.....	02
1.1 Considerações Iniciais.....	02
1.2 Objetivos.....	03
1.2.1 Objetivo geral.....	03
1.2.2 Objetivos específicos.....	03
1.3 Metodologia da Pesquisa.....	04
1.3.1 Metodologia aplicada.....	04
CAPÍTULO II	
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	05
2.1 Conceitos de Capital de Giro.....	05
2.2 Problemas com a Administração do Capital de Giro.....	07
2.3 Financiamento de Capital de Giro.....	08
2.3.1 Risco-retorno na composição do financiamento.....	08
2.3.2 Políticas para o financiamento do capital de giro.....	09
2.4 Necessidade Líquida de Capital de Giro.....	12
2.4.1 Fontes de financiamento da necessidade líquida de capital de giro.....	15
2.4.2 Relação da variável NLDCG - Necessidade Líquida de Capital de Giro com o Ciclo Operacional.....	17
2.5 Análise da Necessidade Líquida de Capital de Giro.....	20
2.6 Saldo de Tesouraria.....	25

CAPÍTULO III

ESTUDO DE CASO	28
3.1 Histórico	28
3.2 Análise Horizontal e Vertical do Ativo Circulante e Não Circulante e Passivo Circulante e Não Circulante da Empresa INDIL	29
3.3 Variação da Necessidade de Capital de Giro da Empresa INDIL	31
3.3.1 Comentários sobre as causas das variações da necessidade de capital de giro.....	32
3.4 Análise da INDIL.....	34
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

O estudo do capital de giro é fundamental para a empresa e sua administração financeira. Para a empresa é muito importante, pois, no dimensionamento do capital de giro estão os riscos de liquidez e solvência.

No tocante ao administrador financeiro o assunto é de extrema relevância, pois, ele pode identificar os problemas de liquidez combinando diversos fatores de caráter operacional e decisões estratégicas, tomadas pela alta direção da empresa.

As decisões gerenciais relacionadas com o capital de giro afetam o volume de vendas, rentabilidade e risco, para a empresa.

O capital de giro é para as empresas uma parcela do seu capital total, todavia tão necessária quanto o capital fixo, pelo dinamismo de suas mutações.

Adequá-lo às necessidades quantitativas e qualitativas em cada caso e em cada momento, bem como escolher de forma eficiente e eficaz entre as inúmeras fontes e formas de financia-lo, poderá representar a diferença entre a liquidez e a insolvência, ou ainda entre o lucro e o prejuízo.

O presente trabalho abordará alguns aspectos que estão relacionados ao capital de giro, como a sua necessidade líquida e também a variável tesouraria, pois ambos constituem-se em instrumentos indispensáveis para uma eficiente administração financeira.

Será apresentado um estudo de caso para a aplicação prática dos assuntos que serão abordados no presente trabalho.

CAPÍTULO I

CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO

1.1 Considerações Iniciais

Chama-se capital de giro as contas que compõe o grupo do ativo circulante. Em geral são representadas pelas seguintes contas: disponibilidades, investimentos temporários, contas a receber, estoques de matérias-primas, mercadorias para revenda, produção em andamento e produtos acabados.

Deve-se distinguir capital de giro bruto, que são as contas mencionadas acima, de capital de giro líquido que é o ativo circulante menos o passivo circulante. O passivo circulante é composto de compromissos a curto prazo da empresa para com fornecedores, funcionários, fisco etc...

De acordo com a lei 6404/76, o ativo circulante expressa os saldos das contas realizáveis em até 360 dias e o passivo circulante o saldo das contas exigíveis no mesmo prazo.

O capital de giro é positivo quando o ativo circulante for maior que o passivo circulante, ou seja, quando os bens e direitos conversíveis num prazo de até um ano for maior que as dívidas e obrigações exigíveis no mesmo prazo. Pode ser nulo, quando o ativo circulante for igual ao passivo circulante, ou seja, quando os bens e direitos conversíveis num prazo de um ano for igual as dívidas dentro do mesmo prazo. E também pode ser negativo, quando o ativo circulante for menor que o passivo circulante, ou seja, quando os bens e direitos conversíveis no prazo de até um ano for menor que as obrigações e dívidas no mesmo prazo.

O trabalho a ser realizado vai ser direcionado para as “Necessidades Líquidas de Capital de Giro” dentro de uma empresa.

Segundo Fleuriet,

“quando, no ciclo financeiro, as saídas de caixa ocorrem antes das entradas de caixa, a operação da empresa cria uma necessidade de aplicação permanente de fundos, que se evidencia no balanço por uma diferença positiva entre o valor das contas cíclicas do ativo (duplicatas a receber, estoques de produtos em andamento, produtos acabados, matérias-primas) e das contas cíclicas do passivo (fornecedores de matérias-primas etc...)”. FLEURIET (1978:14)

Denomina-se Necessidade de Capital de Giro (NCG) esta aplicação permanente de fundos.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Mostrar os aspectos ligados a “Necessidade Líquida de Capital de Giro” dentro das empresas e a administração correta desses fundos para conseguir-se bons resultados, bem como verificar sua aplicação através de um estudo de caso.

1.2.2 Objetivos específicos

- Definir capital de giro;
- Importância do capital de giro nas empresas;
- Definir necessidade de capital de giro;
- Demonstrar as contas envolvidas na necessidade de giro;
- Pesquisar, na bibliografia existente e acessada, a administração correta da necessidade de capital de giro;
- Análise da necessidade líquida de capital de giro;
- Estudo de caso.

1.3 Metodologia da Pesquisa

1.3.1 Metodologia aplicada

O presente trabalho será desenvolvido com base em seus objetivos, com uma pesquisa exploratória e um estudo de caso.

Para sua elaboração, foi feita uma pesquisa bibliográfica. Esta pesquisa bibliográfica se constitui de coletas de informações contidas em livros .

Primeiro organizou-se os livros para leitura, e com a leitura fez-se a seleção do material que será utilizado na pesquisa.

Durante a elaboração do trabalho verificou-se a importância de sua aplicação prática, por isso fez-se um estudo de caso.

Tendo em vista o problema proposto, acredita-se que este seja o melhor método para se chegar aos objetivos desta pesquisa.

CAPÍTULO II

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo será abordado assuntos relativo a capital de giro tais como: conceito, formas de financiamento e tantos outros temas que se ache importante neste estudo.

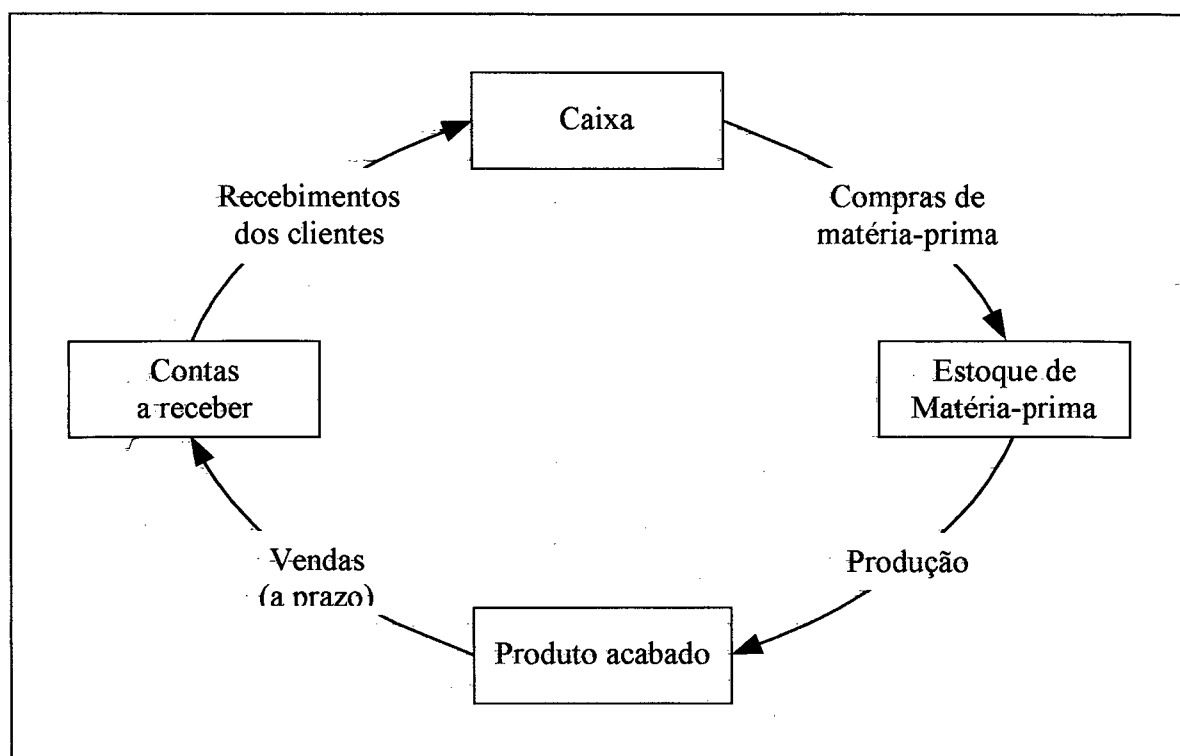
Em seguida será apresentado o conceito de necessidade líquida de capital de giro e diversos assuntos relacionados a esse tema.

2.1 Conceitos de Capital de Giro

Segundo SAN VICENTE (1987:120), “dentre as aplicações de fundos por uma empresa uma parcela ponderável destina-se ao que alternativamente, podemos chamar de ativo circulante ou capital de giro”.

Segundo o mesmo autor os ativos circulantes compõe o capital da empresa que circula até transformar-se em dinheiro dentro de um ciclo operacional que vai variar de empresa para empresa dependendo do seu ramo.

Este ciclo operacional, basicamente corresponde desde a compra de matéria prima para a produção e pagamento de empregados, até os recebimentos das vendas dos produtos ou serviços prestados.



SAN VICENTE (1987:120)

É importante ressaltar que o capital de giro deve ser mantido para sustentar as operações da empresa.

Segundo BRAGA (1987:140), "... no conceito econômico, o capital de giro representa o investimento adicional que a empresa deverá realizar, a fim de dar início ao ciclo operacional e capacitar-se para comercializar os bens ou serviços produzidos".

A medida que as operações da empresa vão se desenvolvendo, os ciclos operacionais vão tornando-se mais complexos. Assim, a empresa vai precisar dispor de recursos que não estejam comprometidos para financiar estes ciclos.

Para MARTINS e NETO (1986:276),

"qualquer que seja a definição adotada, o conceito de capital de giro identifica os recursos que giram várias vezes em determinado período. Ou seja, corresponde a uma parcela de capital aplicada pela empresa em seu ciclo operacional, caracteristicamente de curto prazo, a qual assume diferentes formas ao longo de seu processo produtivo e de venda".

MARTHUR (1984:70) afirma que

“o capital de giro também é caracterizado por sua proximidade de caixa ou liquidez. O estoque de produtos acabados, quando vendido, se transforma em contas a receber. Após o recebimento, ele se transforma em caixa. Os componentes do capital de giro normalmente tem alta liquidez e são a principal garantia contra a insolvência técnica: a incapacidade da empresa em pagar pontualmente seus compromissos”.

Este é um ponto importante a ressaltar pois, os componentes do capital de giro tem facilidade em transformar-se em dinheiro, porém aumento de liquidez, teoricamente provoca queda na taxa de retorno.

2.2 Problemas com a Administração do Capital de Giro

Os itens que compõe o capital de giro da empresa tem um determinado tempo para transformar-se em dinheiro, e envolvem riscos em face das datas de vencimento das dívidas da empresa a curto prazo.

É importante administrar bem estes prazos de pagamentos de acordo com os recebimentos das vendas ou serviços prestados, pois a empresa poderá ter muitos desembolsos a curto prazo e um prazo maior de recebimento que terá como consequência, caso a empresa não possua recursos próprios, um desequilíbrio em suas finanças fazendo com que a empresa necessite de financiamento.

Outro problema envolvendo administração de capital de giro é o conflito entre liquidez e rentabilidade.

Segundo SAN VICENTE (1987:127),

“os ativos correntes representam um investimento indispensável para sustentar um dado volume de vendas. O seu retorno direto, em particular no caso de disponibilidades e investimentos temporários, é tipicamente inferior ao dos ativos fixos. Indiretamente, contudo, contribuem para o objetivo rentabilidade ao cumprirem a sua função de sustentação de um nível de vendas”.

Com a administração do capital de giro trabalha-se para manter a liquidez da empresa, mas quanto mais se investe nestes ativos para manter um volume de operações menos sobra para aplicações mais rentáveis.

É importante salientar que os investimentos feitos em capital de giro não geram unidades físicas de produção e venda, mas como já foi dito, servem para manter o ciclo operacional da empresa.

Podemos citar mais um problema em relação a administração das contas que envolve o capital de giro, especificamente disponibilidades e estoques. O grande dilema são os saldos excessivos com investimentos e os saldo insuficientes com baixo custo. Na conta caixa, exemplificando, há uma dúvida quanto ao saldo que deve-se manter, pois corre-se o risco de ficar com saldo excessivo enquanto podia-se investir e ter um retorno maior. Pode ocorrer também o inverso: o dinheiro investido em ativos mais rentáveis e a empresa necessitando de um maior volume de capital de giro.

Em relação a conta estoques o problema é que a empresa para manter um nível de estoques para atender uma demanda eventual arca com um custo mais alto. Mas se ela mantém um estoque pequeno corre o risco de não ter mercadorias para atender a demanda e perder seu cliente para a concorrência.

Para resolver estes problemas com custos de excesso e custo de insuficiência, a empresa deve utilizar-se de modelos representativos do comportamento de cada categoria e chegar ao lote econômico de cada um. Entende-se por lote econômico o saldo que diminui o custo do investimento feito pela empresa para sustentar o volume de operações desejados.

2.3 Financiamento de Capital de Giro

2.3.1 Risco-retorno na composição do financiamento

O custo de um crédito a longo prazo é mais caro que o de curto prazo. Isto se dá devido ao risco na duração do empréstimo. Além do credor ter um maior risco emprestando um capital por longo tempo ele também quer remunerar expectativas de flutuações nas taxas de juros, que tendem a um comportamento crescente.

Mas, em economias inflacionárias por exemplo, pode acontecer de créditos de curto prazo sair mais onerosos em relação à créditos de longo prazo. Isto por algum motivo como a escassez de recursos para empréstimos de longo prazo, fazendo com que o setor empresarial procure os créditos de curto prazo, conseqüentemente, aumentando a demanda e elevando o seu custo final.

As contas que envolvem o capital de giro são de curto prazo, e normalmente as empresas se utilizam de créditos de curto prazo para financia-las. Com isto a empresa poderá obter, se o custo for menor do que os créditos de longo prazo, melhores resultados operacionais, mas o risco para a empresa se elevará por dois motivos:

1) as taxas de juros a curto prazo são bem mais sensíveis as alterações políticas conjunturais do que as taxas de crédito de longo prazo. Os empréstimos de longo prazo mantêm os encargos de juros fixo por um período de tempo maior. Um crédito de curto prazo absorve com mais frequência as variações na taxa de juros;

2) uma empresa com uma política de crédito de curto prazo, tem uma certa dependência as disponibilidades de crédito do mercado, e uma escassez desses recursos poderão abalar a liquidez da empresa e também atraso no pagamento aos seus credores.

Dentro deste contexto entre risco-retorno as decisões de financiamento do capital de giro tem grande importância, pois, a maneira pela qual o capital de giro é financiado tem impacto significativo sobre o risco e retorno da empresa.

2.3.2 Políticas para o financiamento do capital de giro

Antes de serem abordadas as políticas deve-se entender o conceito de capital de giro através de sua classificação em permanente (fixo) e sazonal (variável).

Segundo MARTINS e NETO (1986:293),

“a parte fixa do capital de giro é determinada pela atividade normal da empresa, e seu montante é definido pelo nível mínimo de necessidades de recursos em determinado período. O capital de giro sazonal, por sua vez, é determinado pelas variações temporárias que ocorrem normalmente nos negócios da empresa. Por exemplo, maiores vendas com determinados meses do ano ou grandes aquisições de estoques antes de período de entressafra produzem variações temporárias no ativo circulante, e são, por isso, denominadas sazonais ou variáveis”.

Diferenciada a parte fixa e a parte variável do capital de giro apresenta-se três opções para a administração do capital de giro:

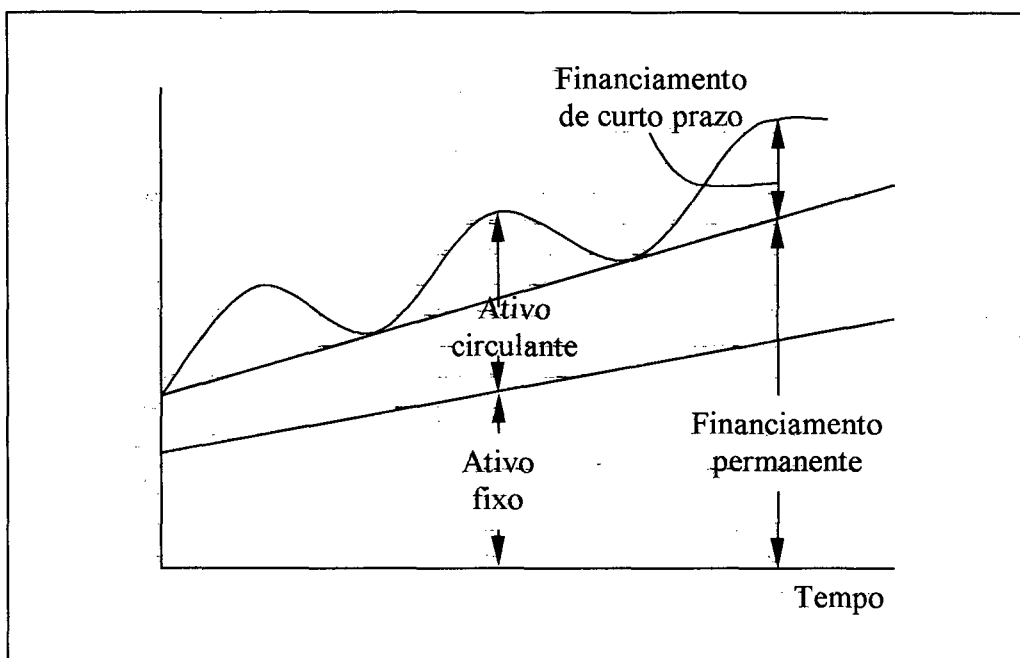
a) *Política conciliadora* → A política conciliadora entende que a parte do ativo circulante que é permanente pode ser financiada com recursos de longo prazo e a parte flutuante do ativo circulante pode ser financiada pelo exigível de curto prazo.

Quer dizer que acontecendo oscilações no capital de giro, as necessidades temporárias poderão ser financiadas, a medida que forem ocorrendo, por recursos de terceiro a curto prazo e os investimentos de caráter permanente serão cobertos por fundos de prazo compatível, ou seja, longo prazo.

Esta política permite que a empresa equilibre os prazos de vencimentos de seus empréstimos de curto prazo com as necessidades variáveis de financiamento do seu ativo circulante.

Um risco que a empresa corre utilizando esta política é que ocorrendo oscilações sazonais em níveis mais significativos, a empresa poderá encontrar dificuldades de captar recursos circulantes no mercado, o que viria a prejudicar a sua liquidez. Ou caso obtivesse, poderia ser com custo elevado, o que comprometia sua rentabilidade.

Verifica-se no gráfico abaixo a política conciliadora, conforme MATHUR (1984:72).



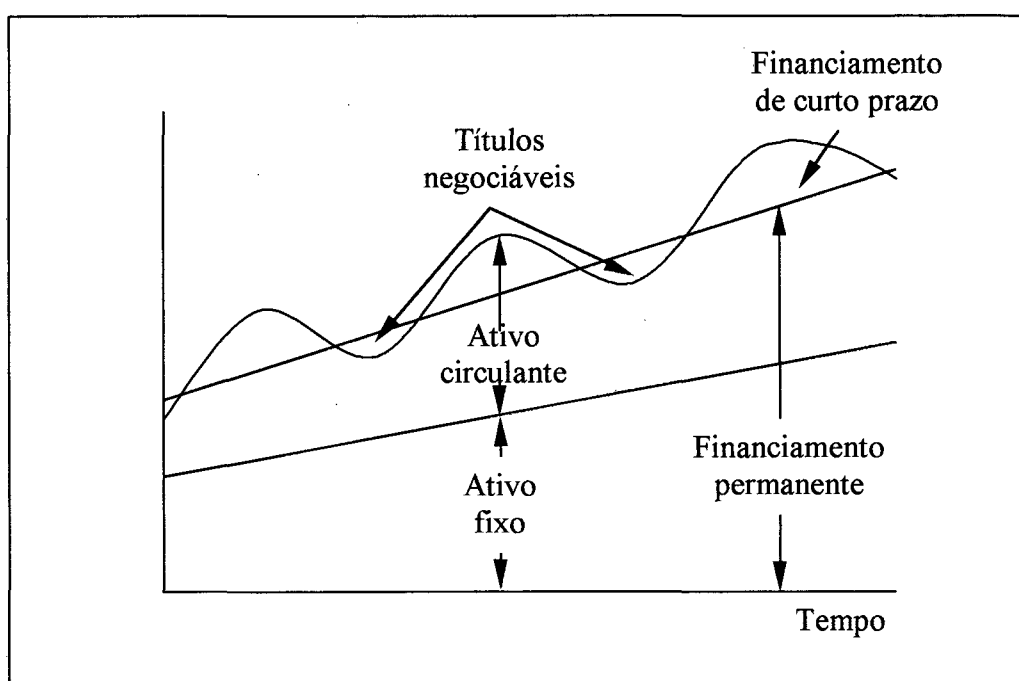
MARTHUR (1984:72)

b) *Política conservadora* → O que aborda esta política é que se deveria financiar todas as necessidades financeiras projetadas com recursos a longo prazo e se utilizar de recursos de curto prazo somente em uma emergência ou uma saída inesperada de recursos.

O risco é mínimo nesta política, em razão de a empresa não necessitar captar recursos a curto prazo, a não ser para atender as necessidades financeiras inesperadas.

O custo seria mais alto pelo fato de serem utilizados recursos de longo prazo, que são geralmente mais onerosos, e também da ociosidade desses recursos, trazendo um pequeno retorno.

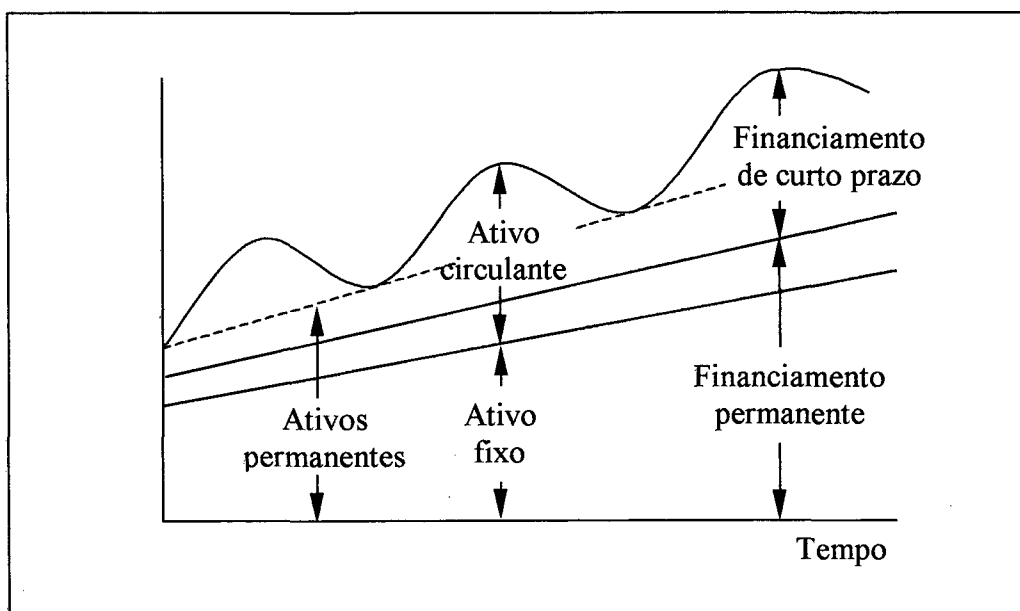
Esta política quase não é utilizada pelas empresas. Abaixo encontra-se o gráfico que representa a política conservadora segundo MATHUR (1984:73):



MARTHUR (1984:73)

c) *Política agressiva* → Nesta política a maior parte do ativo circulante é financiada por recursos de curto prazo. Até mesmo uma parte do ativo circulante permanente é financiada com recursos de curto prazo.

Adotando esta política a empresa aumenta a sua rentabilidade, pois grande parte do ativo está financiada com recursos mais baratos. Mas, a empresa também aumenta seu risco pelo endividamento a curto prazo. Abaixo gráfico que representa esta política também apresentado por MATHUR (1984:75).



MARTHUR (1984:75)

É muito difícil determinar qual das políticas apresentada é a mais adequada. Se as necessidades de caixa, o regime de cobrança e os níveis de estoque forem conhecidos com precisão, o executivo saberia quanto investir em capital de giro.

Com os fluxos de caixa pode-se saber o melhor perfil de vencimento para os empréstimos de curto prazo. Mas com fluxos incertos, deve-se procurar o equilíbrio entre risco e retorno. Para se ter um nível de segurança desejado, maior será a tendência a financiamento de longo prazo, mas quando se deseja maiores retornos a busca é por recursos de curto prazo.

A escolha de uma política de financiamento para o capital de giro de uma empresa vai depender de como se deseja equilibrar o risco e retorno.

2.4 Necessidade Líquida de Capital de Giro

Segundo FLEURIET (1978:14),

“quando, no ciclo financeiro, as saídas de caixa ocorrem antes das entradas de caixa, a operação da empresa cria uma necessidade de aplicação permanente de fundos, que se evidencia no balanço por uma diferença positiva entre o valor das contas cíclicas do ativo e das contas cíclicas do passivo. Denomina-se Necessidade de Capital de Giro (NCG) esta aplicação permanente de fundos”.

As contas cíclicas do ativo são duplicatas a receber, estoques de produtos acabados, estoque de produção em andamento, estoque de matérias-primas etc.

As contas cíclicas do passivo circulante são fornecedores de matéria prima, obrigações fiscais a recolher etc.

As contas cíclicas do ativo e passivo que fazem parte da “Necessidade Líquida de Capital de Giro”, são na realidade operacionais, pois estão ligadas às operações da empresa. Então, as modificações que ocorrem como a redução de crédito de fornecedores, aumento de estoques, dentre outras, alteram a curto prazo sua necessidade líquida de capital de giro da empresa.

Fleuriet divide necessidade líquida de capital de giro em positiva e negativa.

Ele afirma que a necessidade líquida de capital de giro quando positiva vai refletir uma aplicação permanente de fundos, a qual provavelmente é financiada com fundos permanentes utilizados na empresa. Esses fundos permanentes utilizados pela empresa são provenientes das contas não cíclicas do passivo, que englobam as contas do patrimônio líquido e algumas contas do exigível a longo prazo.

Sobre a necessidade líquida de capital de giro negativa ele afirma que acontece quando o passivo cíclico torna-se maior do que o ativo cíclico, e constitui-se uma fonte de fundos para a empresa. As saídas de caixa ocorrem depois das entradas de caixa.

O núcleo de assistência gerencial da associação comercial de São Paulo (1980:5), num trabalho realizado sobre capital de giro lista alguns aspectos que podem aumentar o capital de giro e reduzir a sua necessidade:

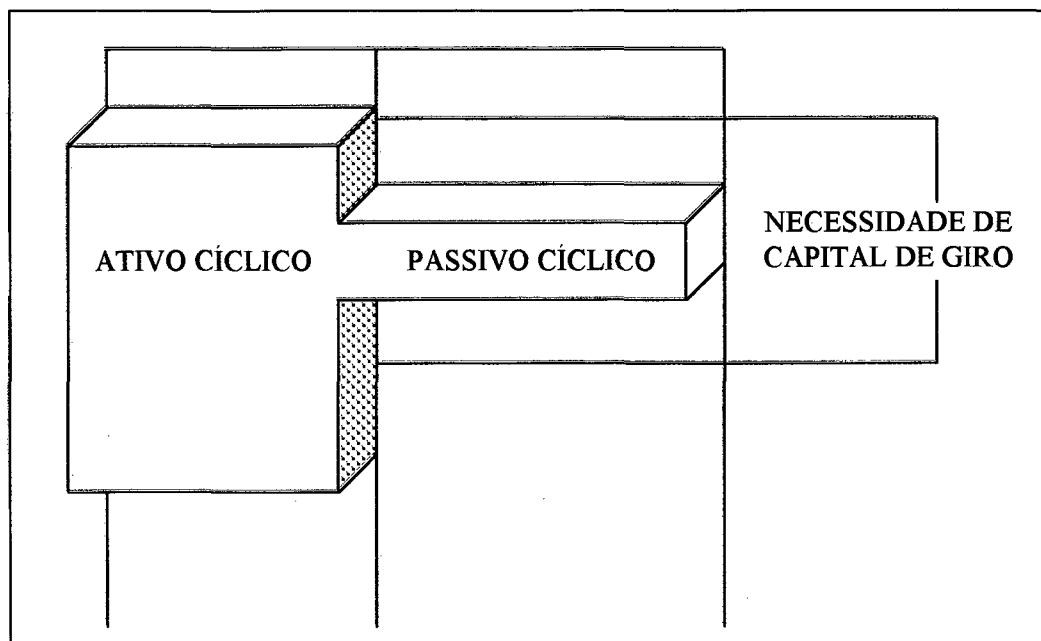
- “– Vendas de itens do imobilizado;
- Vendas de itens do realizável a longo prazo;
- Lucros não distribuídos;
- Aumento de capital por integralização em dinheiro;
- Vendas à vista;
- Vendas a prazo com prazos menores;
- Compras a prazo com prazos menores;

- Redução dos níveis de estoques;
- Redução de disponibilidades bancárias;
- Cobrança eficiente de títulos;
- Racionalização da produção;
- Racionalização das compras”.

Da mesma forma, outros aspectos que diminuem o capital de giro e aumentam a sua necessidade:

- “- Compra de itens do imobilizado à vista ou à curto prazo;
- Imobilizações financeiras;
- Prejuízos;
- Distribuição de lucros;
- Vendas à prazo com prazos maiores;
- Ausência de vendas à vista;
- Compras à vista;
- Compras à prazo com prazos menores;
- Ineficiência na cobranças de títulos;
- Níveis elevados de estoques;
- Ciclo de produção muito longo;
- Localização dos fornecedores (distante);
- Localização dos consumidores (distante);
- Prazo de entrega de matérias-primas mercadorias muito longo;
- Lay-out da fábrica deficiente”.

Para melhor compreensão da Necessidade de Capital de Giro que acontece em uma empresa, verifica-se a figura abaixo apresentada por FLEURIET (1978:14).



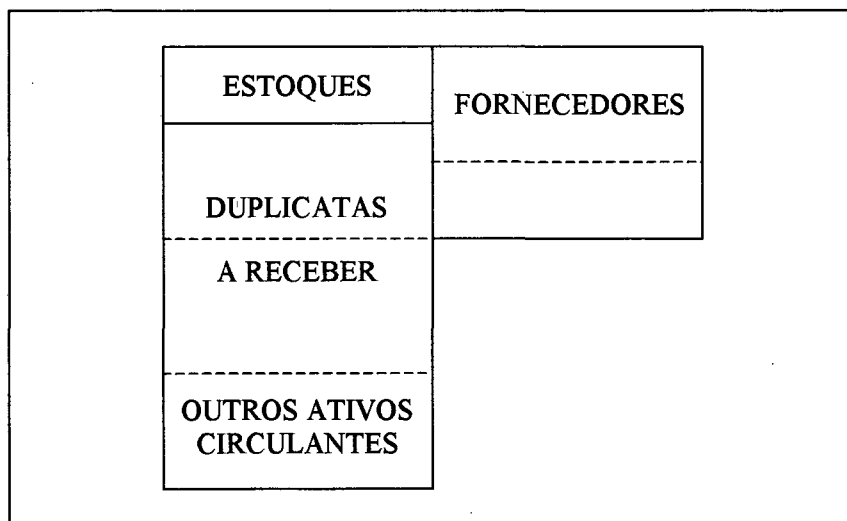
FLEURIET (1978:14)

2.4.1 Fontes de financiamento da necessidade líquida de capital de giro

A empresa pode financiar sua necessidade líquida de capital de giro utilizando uma dessas fontes de recursos:

- Capital circulante próprio;
- Empréstimos e financiamentos bancários de longo prazo;
- Empréstimo bancários de curto prazo e duplicatas descontadas.

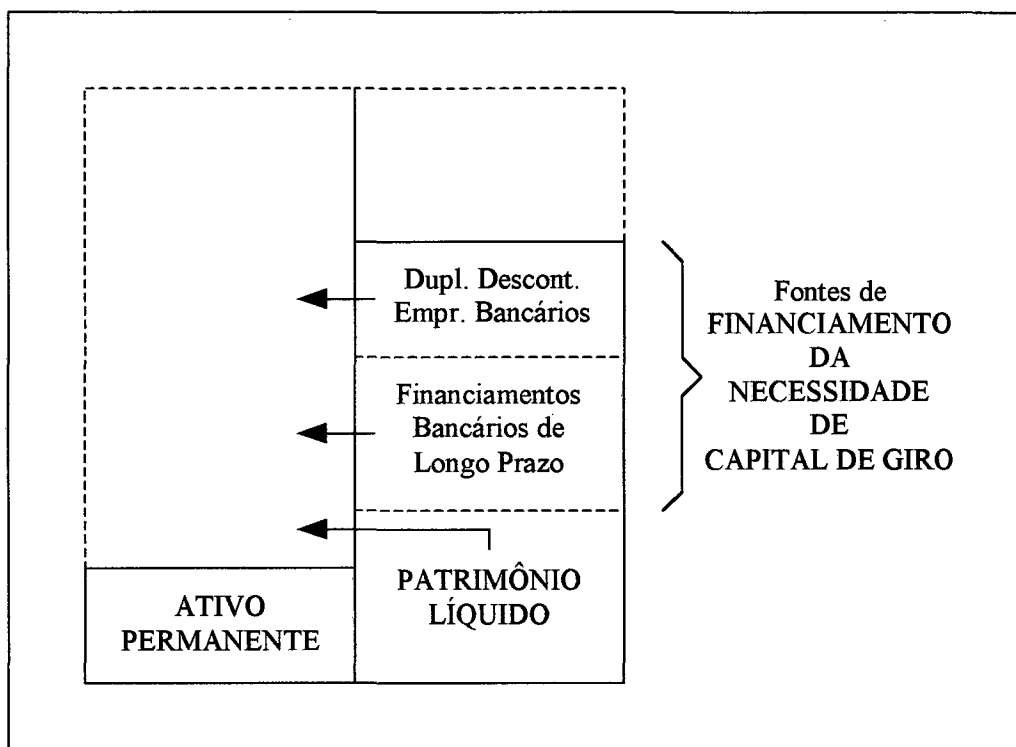
Segundo MATARAZZO (1998:346), a figura abaixo demonstra a localização da Necessidade líquida de Capital de Giro.



MATARAZZO (1998:346)

O ativo circulante representa todo o investimento em giro. A parte dos fornecedores seria o financiamento automático em giro que a empresa pode contar. E o espaço vazio vai representar os financiamentos que a empresa precisa obter para financiar a área do ativo circulante correspondente.

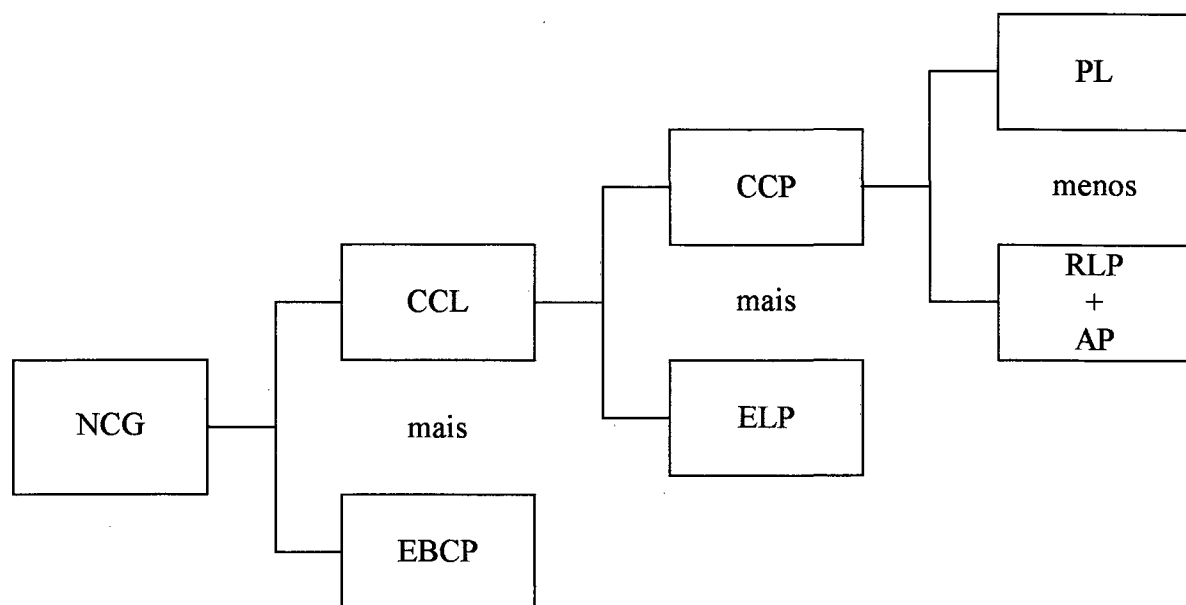
Nesta outra figura abaixo, também de MATARAZZO (1998:346), nos mostra outras fontes de financiamento da Necessidade líquida de Capital de Giro.



MATARAZZO (1998:346)

A figura acima mostra as outras fontes de financiamento da necessidade líquida de capital de giro conforme já comentadas, que são duplicatas descontadas, empréstimos bancários curto prazo, financiamento bancários de longo prazo e parte do patrimônio líquido que seria o capital próprio.

O esquema de financiamento da necessidade de capital de giro que é apresentado a seguir, criado por MATARAZZO, permite a empresa análises horizontal e vertical, e assim a verificação através dos resultados dos balanços, o desempenho da empresa nos últimos anos.



- NCG = Necessidade Capital Giro
 CCL = Capital Circulante Líquido
 EBCP = Empréstimos Bancários Curto Prazo
 CCP = Capital Circulante Próprio
 ELP = Exigível Longo Prazo
 PL = Patrimônio Líquido
 AP = Ativo Permanente
 RLP = Realizável Longo Prazo

2.4.2 Relação da variável NLDCG - Necessidade Líquida de Capital de Giro com o Ciclo Operacional

Para MATARAZZO (1998:348), “Necessidade de Capital de Giro reflete o montante de que a empresa necessita tomar para financiar o ativo circulante em decorrência das atividades de comprar, produzir e vender”.

Já é conhecido que para se ter o valor da variável necessidade líquida de capital de giro basta diminuir o saldo das contas do ativo cíclico do saldos das contas do passivo cíclico. Mas estas contas são operacionais, então estão ligados ao ciclo operacional da empresa. E tem influenciado também nesta variável os PMRE, PMPC e PMRV. Então MATARAZZO apresenta outra forma de se encontrar a variável NLDCG que está relacionada ao ciclo de caixa.

$$\text{NLDCG} = \text{CC} \times \text{Vd} + \text{A}$$

NLDCG = Necessidade Líquida de Capital de Giro

CC = Ciclo de Caixa

Vd = Vendas diárias

A = Ajuste = Outros Ativos Circulantes Operacionais - Outros Passivos Circulantes Operacionais, como saldos desses ativos e passivos são pequenos, então são usados como ajuste da NCG.

O ciclo de caixa pode ser calculado assim:

$$\text{CC} = \text{PMRE} + \text{PMRV} - \text{PMPC}$$

PMRE = Prazo Médio de Rotação dos Estoques

PMRV = Prazo Médio de recebimento das vendas

PMPC = Prazo Médio Pagamento das Compras

O prazo médio de rotação dos estoques em uma empresa comercial, significa o tempo médio que a mercadoria permanece na empresa. E na indústria significa o tempo de produção e estocagem.

O prazo médio de recebimento das vendas representa o tempo médio entre as vendas e o recebimento.

O prazo médio de pagamento das compras é o tempo médio entre o recebimento das compras feitas pela empresa e o seu pagamento.

De acordo com MATARAZZO (1998:324), os prazos podem ser calculados da seguinte maneira:

$$\text{PMRE} = \frac{\text{E}}{\text{CMV}} \times 360$$

E = Estoques

CMV = Custo das Mercadorias Vendidas

$$\text{PMRV} = \frac{\text{DR}}{\text{V}} \times 360$$

DR = Duplicatas Receber

V = Vendas

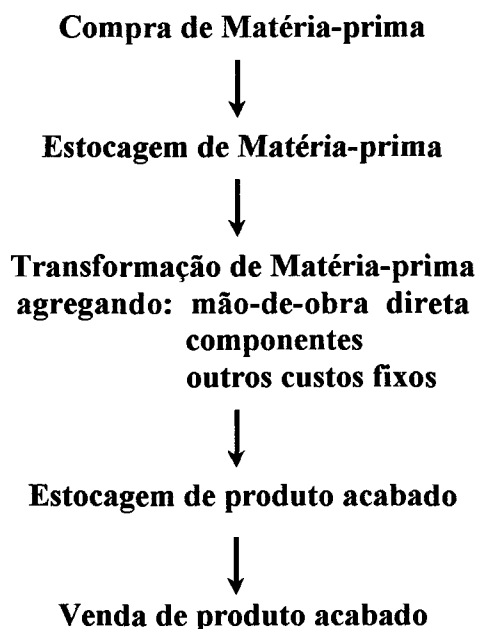
$$\text{PMPC} = \frac{\text{F}}{\text{C}} \times 360$$

F = Fornecedores

C = Compras

As mudanças na política de estocagem, na política de crédito e na política de compras irão produzir efeitos imediatos sobre o fluxo de caixa. Por isso chama-se a atenção para o acompanhamento e avaliação da variável em estudo, pois, é um verdadeiro leme da situação financeira da empresa.

Durante as etapas do ciclo operacional serão agregados vários custos, como mostra o esquema abaixo apresentado por SILVA (1996:340):



Dentro deste esquema pode-se observar que a cada etapa cria-se a Necessidade de Capital de Giro para manter as operações da empresa. No primeiro momento a empresa pode financiar parte do seu giro com capital dos fornecedores, até a ocorrência do pagamento das compras. Depois a empresa tem de financiar o restante do tempo de duração do ciclo operacional.

2.5 Análise da Necessidade Líquida de Capital de Giro

Na realidade, dentro do ciclo operacional da empresa existe vários pequenos ciclos, e cada um deles necessita de um nível diferente de financiamento necessário.

Estes pequenos ciclos não correspondem a determinados dias do calendário e sim servem para base de cálculo da Necessidade de Capital de Giro, que para MATARAZZO é denominado de Ciclo de Caixa Equivalente.

Segundo MATARAZZO (1998:352) “Para o cálculo desse Ciclo de Caixa Equivalente deve-se converter os três prazos, PMRE, PMRV, PMPC, a uma base comum, a fim de poder somá-los e subtraí-los sem incorrer em imprecisões”.

O normalmente efetuado é utilizar a base adequada pelas vendas, então teremos o PMRE e PMPC equivalentes, ou seja, convertidos a base das vendas.

MATARAZZO mostra os cálculos de como efetuar as conversões:

$$\text{PMRE}_{\text{eq}} = \% \frac{\text{CMV}}{\text{V}} \times 360 \frac{\text{E}}{\text{CMV}}$$

O Prazo Médio de Renovação de Estoque será multiplicado pelo percentual de custos de mercadorias vendidas sobre as vendas.

$$\text{PMPC}_{\text{eq}} = \% \frac{\text{C}}{\text{V}} \times 360 \frac{\text{F}}{\text{C}}$$

O Prazo Médio de Pagamento das Compras será multiplicado pela percentagem de compras sobre vendas.

Assim, MATARAZZO apresenta a fórmula do Ciclo de Caixa Equivalente:

$$\text{CC}_{\text{eq}} = \text{PMRE}_{\text{eq}} + \text{PMRV} - \text{PMPReq}$$

Onde, a Necessidade de Capital de Giro pode ser calculada da seguinte forma:

$$\text{NLDCG} = \text{CC}_{\text{eq}} \times \text{Vd} + \text{A}$$

Onde: NLDCG= Necessidade Líquida de Capital de Giro

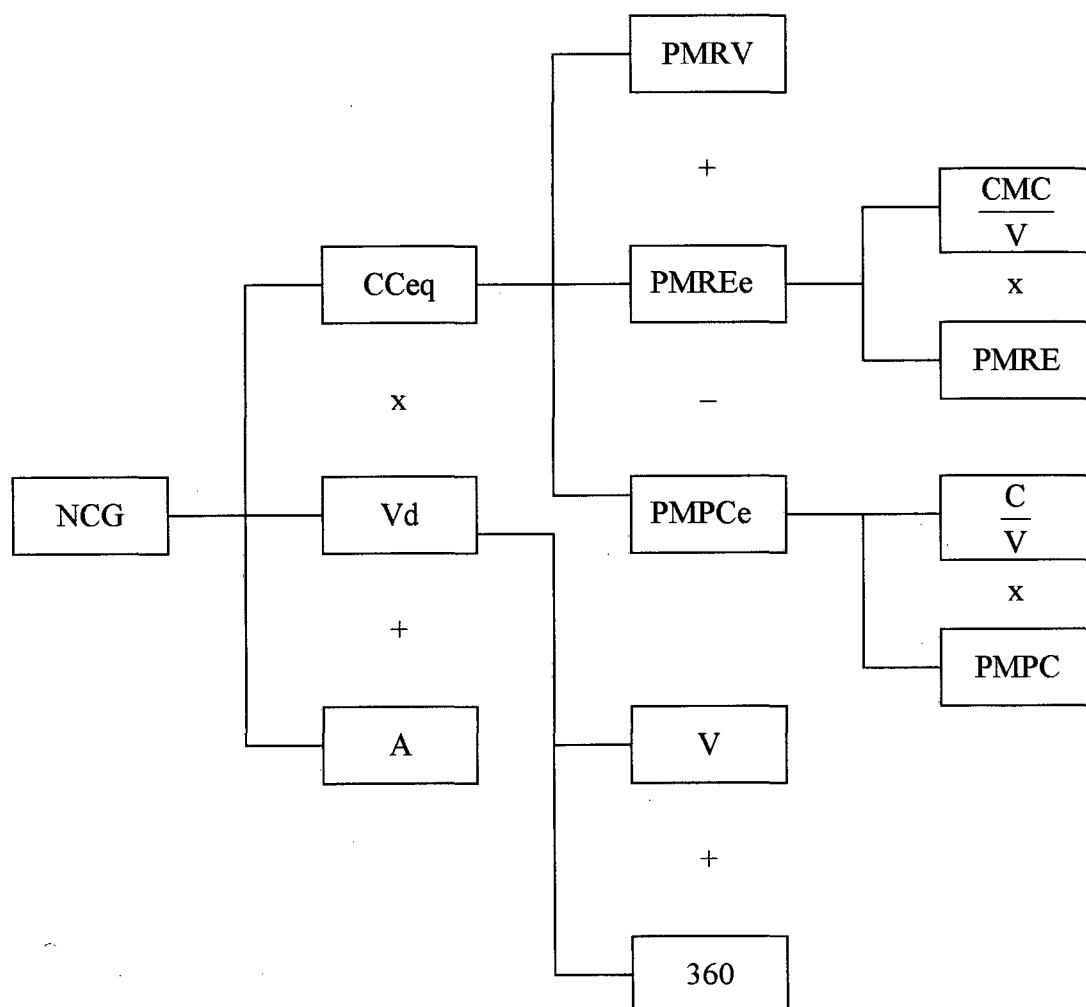
CC_{eq} = Ciclo de Caixa Equivalente

Vd = Vendas Diárias

A = Ajuste

Através destes cálculos a empresa poderá fazer análises das operações, verificando se está tendo resultados satisfatórios de acordo com os seus objetivos.

Além do modelo de financiamento de capital de giro apresentado, que permite análises horizontal e vertical da empresa, MATARAZZO apresenta outro modelo da origem da necessidade de capital de giro, onde também se pode fazer análises:



Para OLINQUEVITCH e SANTI (1987:31), “A variável NLDCG - Necessidade Líquida de Capital de Giro constitui-se na principal determinante da situação financeira das empresas. O seu valor revela o nível de recursos necessários para manter o giro dos negócios”.

Portanto, é necessário um acompanhamento e uma análise da necessidade líquida de capital de giro da empresa para saber-se da real situação financeira.

Como visto anteriormente, a reclassificação do ativo circulante e do passivo circulante são necessárias, como afirmam OLINQUEVITCH e SANTI as contas que fazem parte da variável em estudo tem relação com o nível de atividades da empresa.

Assim, se estas contas tem relação com as atividades da empresa pode-se relacionar a variável em estudo NLDCG- Necessidade Líquida de Capital de Giro com as vendas brutas que proporcionaram um parâmetro que vai indicar as necessidades de capitais para o giro dos negócios e suas dimensões em relação ao nível de atividades. OLINQUEVITCH E SANTI definem este parâmetro como ciclo financeiro, que pode ser representado assim:

$$\text{Ciclo financeiro} = \frac{\text{NLDCG}}{\text{Vendas brutas}} \times \text{n}^\circ \text{ dias do período}^*$$

$$\text{NLDCG} = \text{ACC} - \text{PCC}$$

ACC = Ativo Circulante Cíclico

PCC = Passivo Circulante Cíclico

Deste modo pode se obter os números de dias das vendas que a empresa destina ao financiamento das necessidades de capital de giro. Para ficar mais claro, em uma empresa o resultado desta fórmula acima apresentada será interpretado: Como o número de dias que a empresa destina seu faturamento para financiar as necessidades de recursos.

OLINQUEVITCH e SANTI afirmam que podemos desmembrar o ciclo financeiro da seguinte maneira:

$$\frac{\text{NLDCG}}{\text{Vendas}} \times 360 = \frac{\text{Dupl. receber}}{\text{Vendas}} \times 360 + \frac{\text{Estoque}}{\text{Vendas}} \times 360 + \frac{\text{desp. antecipadas}}{\text{Vendas}} \times 360 - \frac{\text{Fornecedores}}{\text{Vendas}} \times 360 - \frac{\text{Obrig. fiscais}}{\text{Vendas}} \times 360$$

Decompondo o ciclo financeiro por contas que fazem parte da variável NLDCG- necessidade líquida de capital de giro tem-se uma melhor maneira de se fazer a análise da situação econômico-financeira da empresa.

Para se aprofundar ainda mais na análise, OLINQUEVITCH e SANTI afirmam que não são apenas parâmetros financeiros que determinam o ciclo financeiro, mas também fatores econômicos. Por isso pode-se fazer desmembramentos de cada conta que compõem o ciclo financeiro, OLINQUEVITCH e SANTI apresentam o desmembramento de algumas das contas que pertencem ao ciclo financeiro:

* Período a que se refere o volume das vendas brutas, exemplo vendas anuais período de 360 dias, vendas mensais período de 30 dias.

A conta Estoques, que dividida por vendas brutas e multiplicada por 360 vai resultar em estoques em dias de vendas, pode ainda ser desmembradas em dois componentes:

$$\frac{\text{Estoques}}{\text{Vendas brutas}} = \frac{\text{Estoques}}{\text{CMV}} \times \frac{\text{CMV}}{\text{Vendas brutas}}$$

1) Divide-se a conta Estoques pelo CMV – Custo das Mercadorias Vendidas e multiplica-se pelo número de dias do período da demonstração de resultados, tem-se o valor do prazo médio dos estoques

2) Dividindo o CMV pelas vendas brutas vai indicar a composição dos custos.

Nos estoques o fator financeiro será medido pelo prazo em que os estoques permanecem na empresa e o fator econômico pela composição dos custos.

A conta Duplicatas a Receber dividida pelas vendas brutas e multiplicada por 360 resultará no prazo médio de recebimentos e poderá ser desmembrada também em dois componentes:

$$\frac{\text{Duplicatas receber}}{\text{Vendas brutas}} = \frac{\text{Duplicatas receber}}{\text{Vendas a prazo}} \times \frac{\text{Vendas a prazo}}{\text{Vendas brutas}}$$

1) Duplicatas a Receber dividida pelas vendas a prazo e multiplicada pelo número de dias do período da demonstração de resultados, resultará no prazo médio de vendas.

2) Vendas a prazo por vendas brutas indica o percentual de vendas a prazo. Para o analista externo que não tenha a informação do valor das vendas a prazo, considera-se todas as vendas da empresa a prazo.

A conta fornecedores dividida por vendas brutas e multiplicada por 360 tem-se o conceito fornecedores em dias de vendas e se desmembra em dois componentes:

$$\frac{\text{Fornecedores}}{\text{Vendas brutas}} = \frac{\text{Fornecedores}}{\text{Compras}} \times \frac{\text{Compras}}{\text{Vendas brutas}}$$

1) Fornecedores dividida por compras e multiplicado pelos dias da demonstração de resultados resulta no prazo médio de compras

2) Compras dividido por vendas brutas indica o percentual das compras da empresa em relação às suas vendas.

Obrigações fiscais dividida por vendas brutas e multiplicada por 360 fornece o conceito de obrigações fiscais em dias de vendas e pode ser desmembrada em dois componentes:

$$\frac{\text{Obrigações fiscais}}{\text{Vendas brutas}} = \frac{\text{Obrigações fiscais}}{\text{Imposto faturado}} \times \frac{\text{Imposto faturado}}{\text{Vendas brutas}}$$

1) Obrigações fiscais dividida por imposto faturado que multiplicado pelos dias da demonstração de resultado, fornece o prazo médio de recolhimento de impostos.

2) Imposto faturado dividido pelas vendas brutas indica a parcela de impostos incidentes nas vendas embutida no faturamento das empresas.

Além destes exemplos de contas desmembradas, outras também podem ser desmembradas como despesas antecipadas e obrigações trabalhista.

A conta despesas antecipadas dividida por vendas brutas resulta no conceito de despesas antecipadas em dias de vendas, e pode ser desmembrada assim:

$$\frac{\text{Despesas antecipadas}}{\text{Vendas brutas}} = \frac{\text{Despesas antecipadas}}{\text{Despesas operacionais}} \times \frac{\text{Despesas operacionais}}{\text{Vendas brutas}}$$

1) Despesas antecipadas dividida por despesas operacionais, onde serão excluídas das despesas operacionais as receitas e ou despesas financeiras, expressa o percentual de gastos que são incorridos antecipadamente.

2) Despesas operacionais dividido por vendas brutas expressa o quanto das vendas está comprometido com despesas decorrentes das operações.

Em quase toda a totalidade das empresas, apresentam em seus balanços as contas salários a pagar e encargos sociais a recolher, que OLINQUEVITCH e SANTI denominaram de obrigações trabalhistas.

Obrigações trabalhistas dividida por vendas brutas e multiplicado por 360 resulta no conceito de obrigações trabalhistas em dias de vendas. E pode ser desmembrado da seguinte maneira:

$$\frac{\text{Obrigações trabalhistas}}{\text{Vendas brutas}} = \frac{\text{Obrigações trabalhistas}}{\text{Custo de pessoal inclusive encargos}} \times \frac{\text{Custo de pessoal inclusive encargos}}{\text{Vendas brutas}}$$

1) Obrigações trabalhistas dividida pelo custo de pessoal inclusive encargos multiplicado pelos dias da demonstração de resultados expressa o prazo médio de pagamento das obrigações trabalhistas.

2) Custo de pessoal inclusive encargos dividido pelas vendas brutas expressa a composição dos custos de pessoal em relação ao faturamento da empresa.

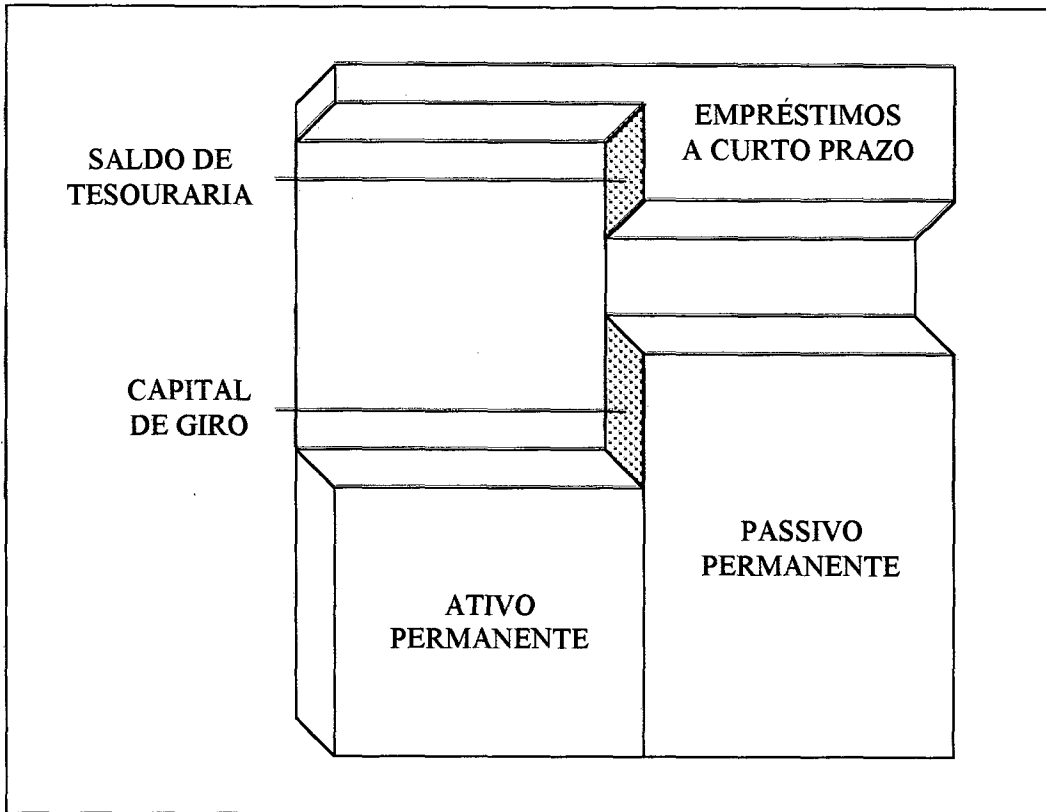
Com a decomposição do ciclo financeiro tem-se um diagnóstico mais minucioso do comportamento da variável NLDCG – necessidade líquida de capital de giro. Os problemas de administração financeira de curto prazo que se refletem nas contas que compõem esta variável podem ser visualizados, nos efeitos que causa ao fluxo de caixa. Como problemas decorrentes no atrasos dos recebimentos ou modificação na política de crédito; redução da margem bruta da rentabilidade e ou superestocagem; redução nos prazos de compras ou atrasos nos pagamentos a fornecedores; atrasos nos recolhimentos dos impostos e no pagamento e recolhimento das obrigações trabalhistas.

2.6 Saldo de Tesouraria

O saldo de tesouraria é um ponto importante a se ressaltar. Conforme Fleuriet (1978:21) demonstrado anteriormente, dentro das contas do ativo circulante pode-se dividir em ativo cíclico e ativo errático e as contas do passivo circulante divide-se em passivo cíclico e passivo errático.

Fazem parte do ativo errático as contas caixa, bancos, aplicações financeiras, outros créditos a receber etc... e do passivo errático as contas duplicatas descontadas, empréstimos bancários de curto prazo, instituições financeiras, provisão para IR, outras contas a pagar etc... O saldo de tesouraria é a diferença destas contas.

Através da figura a seguir apresentada por FLEURIET (1978:21), o saldo de tesouraria representa um valor residual que corresponde à diferença entre o capital de giro e a necessidade de capital de giro.



FLEURIET (1978:21)

Se a empresa não possuir capital de giro suficiente para cobrir sua necessidade de capital de giro então FLEURIET afirma que o saldo de tesouraria da empresa será negativo, e se pode observar este fato quando o saldo do passivo errático for maior que o ativo errático, ou seja, quando o saldo das contas caixa, bancos, aplicações financeiras etc, não for suficiente para cobrir os compromissos expressos nas contas empréstimo, provisão para IR, duplicatas descontadas, etc indicando que a empresa financia sua necessidade de capital de giro e até mesmo parte do ativo permanente com fundos de curto prazo, tendo como consequência aumento do risco de insolvência.

OLINQUEVITCH e SANTI afirmam que a existência de saldos negativos nesta variável não quer dizer que a empresa esteja com uma situação financeira apertada, pois a empresa pode apresentar tesouraria negativa com saldo alto na conta adiantamento de cliente ou na conta provisão de férias ou 13 salário e isto não indica uma situação financeira difícil.

O que se deve prestar atenção é na proporção da tesouraria negativa em relação a NLDCG – necessidade líquida de capital de giro e a tendência desta relação.

Quando a empresa possuir um saldo de tesouraria positivo quer dizer que as contas do ativo errático tem um saldo superior as do passivo errático, ou seja, as contas do ativo circulante que fazem parte da variável tesouraria transforma-se-à em disponível mais do que suficiente para liquidar as contas do passivo circulante que também fazem parte desta variável.

É importante ressaltar que se a empresa possuir um saldo de tesouraria elevado não demonstra que ela esteja bem, mas que ela pode estar deixando o dinheiro ocioso e perdendo oportunidades de investimentos. Talvez sim, seja o momento de se avaliar os planos e estratégias da empresa para que ela possa alcançar melhores resultados, pois é este o objetivo de toda a empresa.

Segundo OLINQUEVITCH e SANTI (1993:41), “a situação da empresa será verdadeiramente superavitária quando a referida folga expressar saldo de aplicações financeiras ou de outros ativos de elevada liquidez e adequada remuneração”.

CAPÍTULO III

ESTUDO DE CASO

No capítulo precedente, foi desenvolvido um estudo sobre o capital de giro e a necessidade líquida de capital de giro. Neste capítulo será feito um estudo de caso da empresa INDIL - Industrialização e Distribuição de Produtos Bovinos Ltda, onde será analisada sua necessidade líquida de capital de giro.

3.1 Histórico

INDIL – Industrialização e Distribuição de Produtos Bovinos Ltda foi fundada em 1976 como abatedouro de bovinos. Os bovinos eram trazidos do Mato Grosso do Sul e Paraná. Hoje a empresa também importa carne da Argentina.

A INDIL abate cerca de duas mil cabeças ao mês e compra mil carcaças resfriadas que equivalem a 1000 bovinos. Totalizando uma média de venda de três mil bovinos ao mês. Produz-se charques embalados a vácuo, lingüiças e também cortes de bovinos a vácuo.

A empresa acredita que a partir de Julho de 1999 tende a ocupar posição de destaque do mercado nacional, pois com a proibição de desossa nos açougues vai diminuir a comercialização das carnes não inspecionadas.

Nos últimos anos a empresa vem sofrendo muito com a inadimplência de seus clientes, até mesmo os mais antigos. Trazendo como consequência um aumento da necessidade de capital para manter o giro dos negócios.

Quando a economia estava estável a empresa procurava como forma de financiamento do seu capital de giro a importação de carne, com prazo de pagamento para 60 dias vendendo seu produto com prazo de recebimento em 45 dias.

Outras formas de financiamento de capital de giro que a empresa utiliza são:

- Desconto de cheques
- Desconto de duplicatas
- Empréstimos bancários com garantia real
- Cheque especial

Praticamente seguindo esta ordem e, segundo o administrador financeiro da empresa, evitando ao máximo utilizar o cheque especial que seria a opção mais cara.

A INDIL tem como controle do seu capital um fluxo de caixa diário, como também todo um sistema de controle informatizado de contas a pagar, contas a receber, estoque e também toda a contabilidade informatizada.

3.2 Análise Horizontal e Vertical do Ativo Circulante e Não Circulante e Passivo Circulante e Não Circulante da Empresa INDIL – Industrialização e Distribuição de Produtos Bovinos Ltda.

(\$ MIL)

	1996	AH	1997	AH	1998	AH
Ativo circulante	2.783	100%	3.634	130,57%	3.602	129,42%
Ativo não circulante	2.883	100%	3.263	113,18%	4.580	140,63%
Ativo total	5.666	100%	6.897	121,72%	8.182	144,40%
Passivo circulante	1.619	100%	2.183	134,83%	1.510	93,26%
Passivo não circulante	4.047	100%	4.714	116,48%	6.672	164,86%
Passivo total	5.666	100%	6.897	121,72%	8.182	144,40%

(\$ MIL)

	1996	AV	1997	AV	1998	AV
Ativo circulante	2.783	40,12%	3.634	52,69%	3.602	44,02%
Ativo não circulante	2.883	50,88%	3.263	47,31%	4.580	55,98%
Ativo total	5.666	100%	6.897	100%	8.182	100%
Passivo circulante	1.619	28,57%	2.183	31,65%	1.510	18,46%
Passivo não circulante	4.047	71,43%	4.714	68,35%	6.672	81,54%
Passivo total	5.666	100%	6.897	100%	8.182	100%

Todas as empresas almejam uma boa rentabilidade mas também um grau de liquidez suficiente para manter o giro dos negócios.

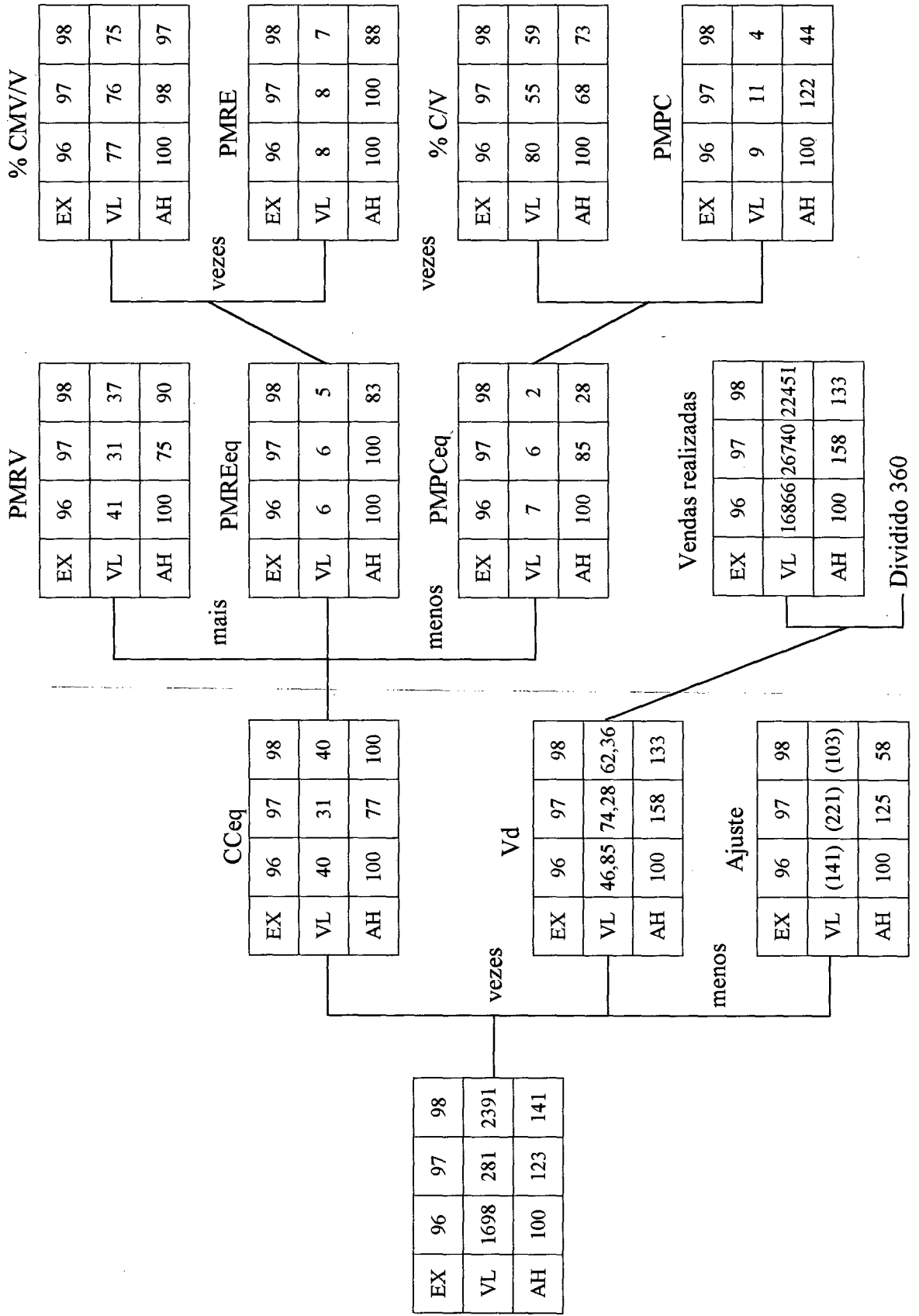
Com a análise horizontal do período de 1996 – 1998 o ativo circulante teve um crescimento de 29,42%, mas o ativo não circulante teve um crescimento de 40,63% demonstrando que a empresa neste período investiu mais em ativos não circulantes.

O passivo circulante da empresa neste mesmo período, teve um decréscimo de 6,74% e o passivo não circulante um aumento expressivo de 64,86%.

A empresa INDIL – Industrialização e Distribuição de Produtos Bovinos Ltda neste período fez investimentos de longo prazo, provavelmente buscando maior rentabilidade.

Com a análise vertical confirma-se uma parcela maior de ativo não circulante do que de ativo circulante em relação ao ativo total da empresa. O mesmo acontece com o passivo, que em 1998 representou 81,82% do passivo total da empresa.

3.3 Variação da Necessidade de Capital de Giro da Empresa INDIL – Industrialização e Distribuição de Produtos Bovinos Ltda.



Observações:

- 1 - Valores absolutos (R\$ mil)
- 2 - Todos os n° foram arredondados
- 3 - Simbologia:
 - EX = Exercício
 - VL = Valor
 - AH = Análise horizontal
 - CMV/V = Custo mercadoria sobre vendas
 - C/V = Compras sobre vendas
- 4 - Os cálculos estão no anexo

3.3.1 Comentários sobre as Causas das Variações da Necessidade de Capital de Giro

A empresa INDIL no período de 1996 à 1998 apresentou um aumento de 41% da necessidade de capital de giro.

Um dos motivos deste aumento é provavelmente a administração dos seus prazos. O PMPC – Prazo Médio de Pagamento das Compras é muito menor que o PMRV- Prazo Médio de Recebimento das Vendas que traz como conseqüência a diminuição do capital de giro aumentando sua necessidade.

Também apresentou neste período uma ligeira queda no percentual dos custos dos produtos vendidos em relação as vendas, que ajudou a diminuir o investimento em estoque e reduzir o PMREeq – Prazo Médio de Renovação de Estoque Equivalente para 17%.

Esta vantagem praticamente foi anulada pela queda no percentual de compras/vendas que provocou redução no PMPCEq - Prazo Médio de Pagamento das Compras Equivalente, perdendo aí parte do financiamento com que contava no ano de 1996.

Com esta análise pode se verificar um descompasso da empresa na administração de seus prazos, apesar do aumento das vendas no período.

**VALORES DAS VARIÁVEIS
DA EMPRESA INDIL – 1996 - 1998**

ANO	NLDCG	CF	T
1996	2.006.598,05	44	(842.904,51)
1997	2.553.895,81	34	(1.103.297,99)
1998	2.719.254,88	44	(626.661,76)

- ✓ NLDCG = Necessidade líquida de capital de giro
- ✓ T = Tesouraria
- ✓ CF = Ciclo financeiro
- ✓ Os valores das variáveis estão em R\$
- ✓ ciclo financeiro em dias
- ✓ Cálculos estão em anexo

DECOMPOSIÇÃO DO CICLO FINANCEIRO

	1996	1997	1998
$\frac{\text{Estoque}}{\text{Vendas}} \times 360 =$	7	7	5
$\frac{\text{Duplicatas receber}}{\text{Vendas}} \times 360 =$	41	32	38
$\frac{\text{Despesas antecipadas}}{\text{Vendas}} \times 360 =$	0,2	0,1	0,1
$\frac{\text{Imposto recuperado}}{\text{Vendas}} \times 360 =$	0,4	0,5	0,4
$\frac{\text{Outras contas}}{\text{Vendas}} \times 360 =$	3	1	3
$\frac{\text{Fornecedores}}{\text{Vendas}} \times 360 =$	7	6	3
$\frac{\text{Salário pagar}}{\text{Vendas}} \times 360 =$	0,8	5	0,4
TOTAL CF	44	34	44

OBS.: * Em dias

* Cálculos em anexo

**DESMEMBRAMENTOS DAS
CONTAS DO CICLO FINANCEIRO**

	1996	1997	1998
$\frac{\text{Estoque}}{\text{Vendas brutas}} \times 360$	7	7	5
$\frac{\text{Estoque}}{\text{CMV}} \times 360$	9	9	7
$\frac{\text{CMV}}{\text{Vendas brutas}} \times 360$	77%	75%	75%
$\frac{\text{Duplicatas receber}}{\text{Vendas brutas}} \times 360$	41	32	38
$\frac{\text{Duplicatas receber}}{\text{Vendas prazo}} \times 360$	41	32	38
$\frac{\text{Vendas prazo}}{\text{Vendas brutas}} \times 360$	1	1	1
$\frac{\text{Fornecedores}}{\text{Vendas brutas}} \times 360$	7	6	3
$\frac{\text{Fornecedores}}{\text{Compras}} \times 360$	9	11	4
$\frac{\text{Compras}}{\text{Vendas brutas}} \times 360$	80%	55%	60%

OBS.: * Cálculos em anexo

3.4 Análise da INDIL – Industrialização e Distribuição de Produtos Bovinos Ltda.

Analisando a NLDCG – Necessidade Líquida de Capital de Giro da empresa, em termos reais, verifica-se um aumento considerável no período de 1996-1998.

Tendo a variável um valor positivo, o ativo circulante foi maior que o passivo circulante, tendo a empresa que procurar fontes de recursos para financiar a necessidade de capital de giro.

Verificando o saldo de tesouraria com resultado negativo nos três anos, significa que a empresa utiliza-se de recursos de terceiro para o giro dos negócios.

A empresa INDIL no ano de 1996 destinava 44 dias de seu faturamento para financiar as necessidades de recursos, enquanto no ano de 1997 este número caiu para 34 dias. A economia obtida de exatamente dez dias (44 para 34 dias) pode ser assim avaliada:

As vendas brutas em 1997 foram de R\$ 26.739.511,03, caso o ciclo financeiro fosse mantido no mesmo nível de 1996 – 44 dias, a variável NLDCG - Necessidade Líquida de Capital de Giro seria de R\$ 3.268.162,46 (R\$ 26.739.511,03 multiplicado 44/360). Na realidade a variável é de R\$ 2.553. 895,81, tendo uma economia de recursos de no valor de R\$ 714.266,65.

No período de 1997 para 1998 o ciclo financeiro aumentou 10 dias, permanecendo o mesmo ciclo financeiro de 1996.

A diminuição do ciclo financeiro em 1997 provavelmente deu-se pela mudança na política de crédito da empresa, diminuindo 9 dias no período, e em 1998 cresceu para 6 dias em relação a 1997 conseqüentemente aumentando também o ciclo financeiro.

Na decomposição das contas do ciclo financeiro é possível verificar que os fornecedores não representam uma fonte expressiva de financiamento.

Como já havia sido observado na análise horizontal e vertical o capital de giro da empresa vem diminuindo e aumentando a sua necessidade para o giro dos negócios. Este fato pode trazer dificuldades de liquidez para a empresa, dificultando a liquidação de seus compromissos.

Por isso a INDIL deve prestar atenção nos seus prazos médios, aumentando o PMPC - prazo médio de pagamento das compras e diminuindo o PMRV – Prazo Médio de Recebimento das Vendas, utilizando por maior tempo os fornecedores como financiamento do seu capital de giro.

CONCLUSÃO

As empresas almejam principalmente ter lucros para manter seu patrimônio com segurança e solidez.

Para conseguir traçar suas metas e alcançar seus objetivos, a empresa deverá ter um controle rígido de suas finanças.

Um dos pontos principais para que a empresa possa ter bons resultados é a administração correta de seu capital de giro.

O ativo da empresa representa os seus investimentos e o ativo circulante é uma parcela destes recursos para manter o giro dos negócios, daí a importância de saber buscar corretamente a fonte de financiamento destes investimentos, lembrando que a maneira com que o capital de giro é financiado causa um impacto significativo no risco e retorno da empresa.

A empresa investindo em ativo circulante terá uma rentabilidade menor do que se investir em ativo fixo. Porém, é imprescindível o investimento para saldar os compromissos.

A conta caixa e estoque são também pontos importante a se ressaltar. Na conta caixa deve-se ter o cuidado de não manter saldos excessivos e perder oportunidades, mas também não manter um nível de caixa muito baixo para não afetar a liquidez da empresa.

Na conta estoque tem que se conseguir um equilíbrio, ou seja, uma quantidade de estoque que não gere um custo muito alto mas também que não falte, diante a necessidade da demanda.

Durante o trabalho foram também abordados pontos importantes, como a NLDCG - necessidade líquida de capital de giro e o saldo de tesouraria. A empresa tendo um acompanhamento da evolução do seu capital de giro, da NLDCG e do saldo de tesouraria terá uma visão mais clara da situação financeira da empresa.

Sugere-se para a realização de outros trabalhos sobre o tema aqui abordado, o aprofundamento de estudos sobre duas contas de grande influência na liquidez das empresas: as contas estoques e contas a receber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSAF NETO, Alexandre; MARTINS, Eliseu. **Administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1993.
- ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. **O capital de giro**. Apostila. 1980.
- AUGUSTINI, Carlos Alberto Di. **Capital de giro**. São Paulo: Atlas, 1996.
- FLEURIET, Michael. **A dinâmica financeira das empresas brasileiras**. Fundação Dom Cabral, 1978.
- INDÍCIBUS, Sérgio de. **Análise de balanços**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1993.
- MARTHUR, Iabal. **Introdução à administração financeira**. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1984.
- MATARAZZO, Dante C. **Análise financeira de balanços**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- OLINQUEVITCH, José Leônidas; SANTI FILHO, Armando de. **Análise de balanço para controle gerencial**. São Paulo: Atlas, 1987.
- SAN VICENTE, Antônio Zorato. **Administração financeira**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- SILVA, José Pereira da. **Análise financeira de empresas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

ANEXOS

**CÁLCULO DA VARIAÇÃO DA
NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO**

$$\% \frac{\text{CMV}}{\text{V}}$$

$$96 = \frac{12.986.076,45}{16.865.033,76} = 77\%$$

$$97 = \frac{20.294.340,15}{26.739.511,03} = 76\%$$

$$98 = \frac{16.958.951,43}{22.450.694,33} = 75\%$$

$$\text{PMRE} = \frac{\text{E}}{\text{CMV}} \times 360$$

$$96 = \frac{314.584,87}{12.986.076,45} \times 360 = 8 \text{ dias}$$

$$97 = \frac{499.343,81}{20.294.340,15} \times 360 = 8 \text{ dias}$$

$$98 = \frac{322.172,53}{16.958.951,43} \times 360 = 7 \text{ dias}$$

$$\% \frac{\text{C}}{\text{V}}$$

$$96 = \frac{13.498.705,00}{16.865.033,76} = 80\%$$

$$97 = \frac{14.778.710,00}{26.739.511,03} = 55\%$$

$$98 = \frac{13.369.615,00}{22.450.694,33} = 59\%$$

$$\text{PMPC} = \frac{\mathbf{F}}{\mathbf{C}} \times 360$$

$$96 = \frac{334.646,06}{13.498.705,00} \times 360 = 9 \text{ dias}$$

$$97 = \frac{432.441,69}{14.778.710,00} \times 360 = 11 \text{ dias}$$

$$98 = \frac{145.189,68}{13.369.615,00} \times 360 = 4 \text{ dias}$$

$$\text{PMRV} = \frac{\mathbf{DR}}{\mathbf{V}} \times 360$$

$$96 = \frac{1.922.630,51}{16.865.033,76} \times 360 = 41 \text{ dias}$$

$$97 = \frac{2.359.738,25}{26.739.511,03} \times 360 = 31 \text{ dias}$$

$$98 = \frac{2.358.923,38}{22.450.694,33} \times 360 = 37 \text{ dias}$$

$$\text{PMPCiq} = \% \frac{\mathbf{C}}{\mathbf{V}} \times 360 \frac{\mathbf{F}}{\mathbf{C}}$$

$$96 = 80\% \times 9 = 7 \text{ dias}$$

$$97 = 55\% \times 11 = 6 \text{ dias}$$

$$98 = 59\% \times 4 = 2 \text{ dias}$$

$$\text{PMPEiq} = \% \frac{\mathbf{CMV}}{\mathbf{V}} \times 360 \frac{\mathbf{E}}{\mathbf{CMV}}$$

$$96 = 77\% \times 8 = 6 \text{ dias}$$

$$97 = 76\% \times 8 = 6 \text{ dias}$$

$$98 = 75\% \times 7 = 5 \text{ dias}$$

Cálculo do Ajuste

A = (imposto recuperado + despesas antecipadas + outras contas) – (impostos e taxas a recolher + salários pagos + contribuição social + provisão para imposto renda).

$$96 = (15.738,83 + 5.235,00 + 118.778,47) - (113.049,00 + 36.723,57 + 72.111,46 + 95.719,27) = \frac{-176.351,00}{1.000} = -176$$

$$97 = (33.805,50 + 3.284,19 + 129.234,13) - (142.984,03 + 39.068,38 + 71.630,73 + 134.307,62) = \frac{-221.666,94}{1.000} = -221$$

$$98 = (24.445,50 + 9.503,43 + 168.868,72) - (80.011,49 + 28.839,00 + 68.348,97 + 128.978,91) = \frac{-103.360,72}{1.000} = -103$$

CÁLCULO DA NLDCG
(NECESSIDADE LÍQUIDA DE CAPITAL DE GIRO)

Aplicações capital de giro
(-) Fontes capital de giro
= **NLDCG**

1996

Ativo circulante cíclico = R\$ 2.376.967,68
(-) Passivo circulante cíclico = R\$ 370.369,63
NLDCG = R\$ 2.006.598,05

1997

Ativo circulante cíclico = R\$ 3.025.405,88
(-) Passivo circulante cíclico = R\$ 471.510,07
NLDCG = R\$ 2.553.895,81

1998

Ativo circulante cíclico = R\$ 2.893.913,56
(-) Passivo circulante cíclico = R\$ 174.658,68
NLDCG = R\$ 2.719.254,88

CÁLCULO DO CICLO FINANCEIRO

Ciclo Financeiro de 1996

$$CF = \frac{2.006.598,05}{16.865.033,76} \times 360 = 44 \text{ dias}$$

Ciclo Financeiro de 1997

$$CF = \frac{2.553.895,81}{26.739.511,03} \times 360 = 34 \text{ dias}$$

Ciclo Financeiro de 1998

$$CF = \frac{2.719.254,88}{22.450.694,33} \times 360 = 44 \text{ dias}$$

CÁLCULO DA VARIÁVEL T – TESOURARIA

Tesouraria = Ativo circulante errático – Passivo circulante errático

1996

T = ACE – PCE

T = R\$ 405.900,84 – R\$ 1.248.805,35 = – R\$ 842.904,51

1997

T = ACE – PCE

T = R\$ 608.686,06 – R\$ 1.711.984,05 = – R\$ 1.103.297,99

1998

T = ACE – PCE

T = R\$ 708.141,95 – R\$ 1.334.803,71 = – R\$ 626.661,76

DECOMPOSIÇÃO DO CICLO FINANCEIRO

	1996	1997	1998
$\frac{\text{Estoque}}{\text{Vendas}} \times 360 =$	$\frac{314.584,87}{16.865.033,55} \times 360 = 7 \text{ dias}$	$\frac{499.343,81}{26.739.511,03} \times 360 = 7 \text{ dias}$	$\frac{330.172,53}{22.450.694,33} \times 360 = 5 \text{ dias}$
$\frac{\text{Duplicatas receber}}{\text{Vendas}} \times 360 =$	$\frac{1.922.630,51}{16.865.033,55} \times 360 = 41 \text{ dias}$	$\frac{2.359.738,25}{26.739.511,03} \times 360 = 32 \text{ dias}$	$\frac{2.358.923,38}{22.450.694,33} \times 360 = 38 \text{ dias}$
$\frac{\text{Despesas antecipadas}}{\text{Vendas}} \times 360 =$	$\frac{5.235,00}{16.865.033,55} \times 360 = 0,2 \text{ dias}$	$\frac{3.284,19}{26.739.511,03} \times 360 = 0,1 \text{ dias}$	$\frac{9.503,43}{22.450.694,33} \times 360 = 0,1 \text{ dias}$
$\frac{\text{Imposto receber}}{\text{Vendas}} \times 360 =$	$\frac{15.738,83}{16.865.033,55} \times 360 = 0,4 \text{ dias}$	$\frac{33.805,50}{26.739.511,03} \times 360 = 0,5 \text{ dias}$	$\frac{24.445,50}{22.450.694,33} \times 360 = 0,4 \text{ dias}$
$\frac{\text{Outras contas}}{\text{Vendas}} \times 360 =$	$\frac{118.778,417}{16.865.033,55} \times 360 = 3 \text{ dias}$	$\frac{129.234,13}{26.739.511,03} \times 360 = 1 \text{ dias}$	$\frac{168.868,72}{22.450.694,33} \times 360 = 3 \text{ dias}$
$\frac{\text{Fornecedores}}{\text{Vendas}} \times 360 =$	$\frac{334.646,06}{16.865.033,55} \times 360 = 7 \text{ dias}$	$\frac{432.441,69}{26.739.511,03} \times 360 = 6 \text{ dias}$	$\frac{145.819,68}{22.450.694,33} \times 360 = 3 \text{ dias}$
$\frac{\text{Salário pagar}}{\text{Vendas}} \times 360 =$	$\frac{35.723,57}{16.865.033,55} \times 360 = 0,8 \text{ dias}$	$\frac{39.068,38}{26.739.511,03} \times 360 = 0,5 \text{ dias}$	$\frac{28.839,00}{22.450.694,33} \times 360 = 0,4 \text{ dias}$
TOTAL	44 dias	34 dias	44 dias

CÁLCULO DO DESMEMBRAMENTO DAS CONTAS DO CICLO FINANCEIRO

Estoque

$$\frac{\text{Estoque}}{\text{Vendas}} = \frac{\text{Estoque}}{\text{CMV}} \times \frac{\text{CMV}}{\text{Vendas brutas}}$$

1996

$$\frac{\text{Estoque}}{\text{Vendas}} \times 360 = \frac{314.584,87}{16.865.033,76} \times 360 = 7 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Estoque}}{\text{CMV}} \times 360 = \frac{314.584,87}{12.986.076,45} \times 360 = 9 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{CMV}}{\text{Vendas brutas}} = \frac{12.986.076,45}{16.865.033,76} = 0,77 = 77\%$$

1997

$$\frac{\text{Estoque}}{\text{Vendas}} \times 360 = \frac{499.343,81}{26.739.511,03} \times 360 = 7 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Estoque}}{\text{CMV}} \times 360 = \frac{499.343,81}{20.294.340,15} \times 360 = 9 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{CMV}}{\text{Vendas brutas}} = \frac{20.294.340,15}{26.739.511,03} = 0,75 = 75\%$$

1998

$$\frac{\text{Estoque}}{\text{Vendas}} \times 360 = \frac{332.172,53}{22.450.694,33} \times 360 = 5 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Estoque}}{\text{CMV}} \times 360 = \frac{332.172,53}{16.958.951,43} \times 360 = 7 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{CMV}}{\text{Vendas brutas}} = \frac{16.958.951,43}{22.450.694,33} = 0,75 = 75\%$$

Duplicatas a receber (São considerados todas as vendas a prazo)

1996

$$\frac{\text{Duplicatas receber}}{\text{Vendas brutas}} \times 360 = \frac{1.922.630,51}{16.865.033,76} \times 360 = 41 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Duplicatas receber}}{\text{Vendas a prazo}} \times 360 = \frac{1.922.630,51}{16.865.033,76} \times 360 = 41 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Vendas a prazo}}{\text{Vendas brutas}} \times 360 = \frac{16.865.033,76}{16.865.033,76} = 1$$

1997

$$\frac{\text{Duplicatas receber}}{\text{Vendas brutas}} \times 360 = \frac{2.359.738,25}{26.739.511,03} \times 360 = 32 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Duplicatas receber}}{\text{Vendas a prazo}} \times 360 = \frac{2.359.738,25}{26.739.511,03} \times 360 = 32 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Vendas a prazo}}{\text{Vendas brutas}} \times 360 = \frac{26.739.511,03}{26.739.511,03} = 1$$

1998

$$\frac{\text{Duplicatas receber}}{\text{Vendas brutas}} \times 360 = \frac{2.358.923,38}{22.450.694,33} \times 360 = 38 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Duplicatas receber}}{\text{Vendas a prazo}} \times 360 = \frac{2.358.923,38}{22.450.694,33} \times 360 = 38 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Vendas a prazo}}{\text{Vendas brutas}} \times 360 = \frac{22.450.694,33}{22.450.694,33} = 1$$

Fornecedores

1996

$$\frac{\text{Fornecedores}}{\text{Vendas brutas}} \times 360 = \frac{334.646,06}{16.865.033,76} \times 360 = 7 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Fornecedores}}{\text{Compras}} \times 360 = \frac{334.646,06}{13.498.705,00} \times 360 = 9 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Compras}}{\text{Vendas brutas}} \times 360 = \frac{13.498.765,00}{16.865.033,76} = 0,8 = 80\%$$

1997

$$\frac{\text{Fornecedores}}{\text{Vendas brutas}} \times 360 = \frac{432.441,69}{26.739.511,03} \times 360 = 6 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Fornecedores}}{\text{Compras}} \times 360 = \frac{432.441,69}{14.778.710,00} \times 360 = 11 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Compras}}{\text{Vendas brutas}} \times 360 = \frac{14.778.710,00}{26.739.511,03} = 0,55 = 55\%$$

1998

$$\frac{\text{Fornecedores}}{\text{Vendas brutas}} \times 360 = \frac{145.819,68}{22.450.694,33} \times 360 = 3 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Fornecedores}}{\text{Compras}} \times 360 = \frac{145.819,68}{13.369.615,00} \times 360 = 4 \text{ dias}$$

$$\frac{\text{Compras}}{\text{Vendas brutas}} \times 360 = \frac{13.369.615,00}{22.450.694,33} = 0,60 = 60\%$$



INDUSTRIALIZAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE PRODUTOS BOVINOS LTDA.
MATADOURO - FRIGORÍFICO SIF 416

BALANÇO PATRIMONIAL DO EXERCÍCIO ENCERRADO EM 31/12/96

A T I V O	5.666.647,43
=====	=====
Circulante	2.782.868,52
-----	-----
Caixa	4.713,22
Bancos Cta Movimento	90.178,15
Bancos Cta Aplicação	311.009,47
Estoques	314.584,87
Duplicatas a Receber	1.922.630,51
Impostos a Recuperar	15.738,83
Despesas Antecipadas	5.235,00
Outras Contas	118.778,47
Realizável a Longo Prazo	21.188,99
-----	-----
Empréstimos Compulsórios	323,01
Adiantamentos a Consórcios	20.865,98
Imobilizado	2.862.589,92
-----	-----
Imobilizado Técnico	3.685.026,43
(-) Depreciações Acumuladas	822.436,51

②

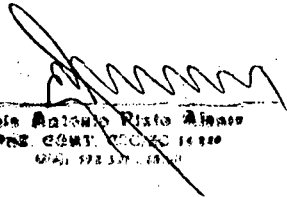


INDUSTRIALIZAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE PRODUTOS BOVINOS LTDA.
MATADOURO - FRIGORÍFICO

SIF 416

P A S S I V O =====	5.666.647,43 =====
Circulante -----	1.619.174,98 -----
Fornecedores	334.646,06
Financiamentos Curto Prazo (Importações)	967.925,62
Impostos e Taxas a Recolher	113.049,00
Salários a Pagar	35.723,57
Contribuição Social a Pagar	72.111,46
Provisão Para Imposto de Renda	95.719,27
Patrimônio Líquido -----	4.047.472,45 -----
Capital Social -----	150.000,00 -----
Reservas de Capital -----	2.661.663,97 -----
Reservas de Capital	1.103.792,48
Reservas de Lucro	547.274,19
Reservas de Reavaliação	1.010.597,30
Lucros ou (-) Prejuízo Acumulados -----	1.235.808,48 -----
Lucros Acumulados	878.127,00
Lucro Líquido do Período	357.681,48

Biguaçu-SC, 31 de Dezembro de 1996.


José Laércio Madeira
Diretor Administrativo

INDIL - Ind. e Distr. de Prod. Bovinos Ltda.


José Laércio Madeira
Diretor Administrativo



3

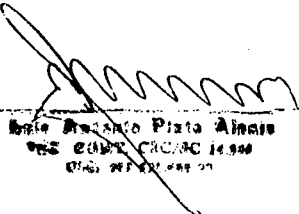
INDUSTRIALIZAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE PRODUTOS BOVINOS LTDA.
MATADOURO - FRIGORÍFICO

SIF 416

DEMONSTRATIVO DO EXERCÍCIO ENCERRADO EM 31/12/96.
=====

Receita Bruta de Vendas	16 865.033 76
(-) I.C.M.S.	1.517.853 04
(-) Pis s/Faturamento	109.622 72
(-) Cofins s/Faturamento	337.300 68
(-) Devolução de Vendas	95.745 06
Receita Líquida	14.804.512 26
(-) Custo das Mercadorias Vendidas	12.986.076 45
Lucro Bruto	1.818.435 81
(-) Despesas Operacionais	1.281.048 73
Despesas Administrativas	380.183 09
Despesas c/Vendas	784.382 83
Despesas Financeiras	17.221 29
Outras Despesas Operacionais	157.751 86
(+) Receitas Financeiras	58.490 34
Lucro Operacional	537.387 08
(-) Despesas n/Dedutíveis	11.874 87
Lucro Antes Provisão p/ I.R.	525.512 21
(-) Contribuição Social	72.111 46
(-) Provisão p/ Imposto de Renda	95.719 27
Lucro Líquido do Exercício	357.681 48

Biguaçu-SC, 31 de Dezembro de 1996.

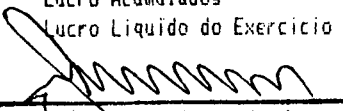

José Laércio Madeira
Diretor Administrativo

INDIL - Ind. e Distr. de Prod. Bovinas Ltda.


José Laércio Madeira
Diretor Administrativo

BALANCO PATRIMONIAL DO EXERCICIO ENCERRADO EM 31/DEZEMBRO/97

ATIVO	6.897.232.44
=====	=====
Circulante	3.634.071.94
-----	-----
Caixa	5.806.23
Bancos Cta Movimento	120.863.95
Bancos Cta Aplicacao	482.015.88
Estoques	499.343.81
Duplicatas a Receber	2.339.738.25
Impostos a Recuperar	33.805.50
Despesas Antecipadas	3.284.19
Outras Contas	129.234.13
Realizavel a Longo Prazo	45.530.96
-----	-----
Emprestimos Compulsorios	323.01
Adiantamentos a Consorcios	45.207.95
Imobilizado	3.217.669.54
-----	-----
Imobilizado Tecnico	4.130.962.84
(-) Depreciacoess Acumuladas	913.353.30
-----	-----
PASSIVO	6.897.232.44
=====	=====
Circulante	2.183.474.12
-----	-----
Fornecedores	432.441.69
Financiamentos a Curto Prazo (Importacoes)	1.363.061.67
Impostos e Taxas a Recolher	142.984.03
Salarios a Pagar	39.068.38
Contribuicao Social a Pagar	71.630.73
Provisao para Imposto de Renda	134.307.62
Patrimonio Liquido	4.713.738.32
-----	-----
Capital Social	150.000.00
-----	-----
Reservas de Capital	2.661.663.97
-----	-----
Reservas de Capital	1.103.792.48
Reservas de Lucro	547.274.19
Reservas de Reavaliacao	1.010.597.30
Lucro ou (-) Prejuizos Acumulados	1.962.074.35
-----	-----
Lucro Acumulados	1.235.808.48
Lucro Liquido do Exercicio	666.265.87


 Luis Antonio Pinto Alaniz
 Tec. Cont. CRC/SC 14.365
 CIC 293.821.800-20

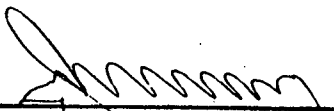
INDIL - Ind. e Distr. de Prod. Bovinos Ltda.


 Jose Carlos Madeira
 Diretor Administrativo

DEMONSTRACAO DE RESULTADO DO EXERCICIO EM 31/12/97
 =====

Receita Bruta de Vendas	26.739.511.03
(-) I.C.M.S.	2.429.969.97
(-) Pis s/ Faturamento	171.966.27
(-) Cofins s/ Faturamento	529.127.00
(-) Devolucao de Vendas	283.161.26
Receita Liquida	23.325.286.53
(-) Custo das Mercadorias Vendidas	20.294.346.15
Lucro Bruto	3.030.946.38
(-) Despesas Operacionais	2.135.562.28
Despesas Administrativas	702.086.37
Despesas c/ vendas	1.342.411.77
Despesa Financeiras	202.531.82
Outras Despesas Operacionais	62.414.91
(+) Receitas Financeiras	173.882.61
Lucro Operacional	895.384.10
(-) Despesas n/Dedutíveis	23.179.88
Lucro Antes Provisao p/ I.R.	872.204.22
(-) Contribuicao Social	71.630.73
(-) Provisao p/ Imposto de Renda	134.307.62
Lucro Liquido do Exercicio	666.265.87

Biguacu/SC, 31 de Dezembro de 1997.


 Luis Antônio Pinto Alaniz
 Téc. Cont. CRC/SC 14.365
 CIC 293.921.600-20

INDIL - Ind. e Dist. de Prod. Bovinos Ltda.

 José Laércio Madeira
 Diretor Administrativo

BALANCO PATRIMONIAL DO EXERCICIO ENCERRADO EM 31/12/98.

A T I V O	8.181.714,61
-----	-----
Circulante	3.602.055,51
-----	-----
Caixa	13.414,85
Bancos Cta Movimento	301.477,53
Bancos Cta Aplicacao	393.249,57
Estoques	332.172,53
Duplicatas a Receber	2.358.923,38
Impostos a Recuperar	24.445,50
Despesas Antecipadas	9.503,43
Outras Contas	168.868,72
Realizavel a Longo Prazo	58.686,84
-----	-----
Emprestimos Compulsorios	323,01
Adiantamentos a Consorcios	58.363,83
Imobilizado	4.520.972,26
-----	-----
Imobilizado Tecnico	5.571.328,56
(-)Depreciacoes Acumuladas	1.050.356,30
-----	-----
P A S S I V O	8.181.714,61
-----	-----
Circulante	1.509.462,39
-----	-----
Fornecedores	145.819,68
Financiamentos Curto Prazo (importacoes)	1.057.464,34
Impostos e Taxas a Recolher	80.011,49
Salarios a Pagar	28.839,00
Contribuicao Social a Recolher	68.348,97
Provisao para Imposto de Renda	128.978,91
Patrimonio Liquido	6.672.252,22
-----	-----
Capital Social	150.000,00
-----	-----
Reservas de Capital	3.966.143,63
-----	-----
Reservas de Capital	1.103.792,48
Reservas de Lucro	547.274,19
Reservas de Reavaliacao	2.315.076,96
Lucros ou (-) Prejuizos Acumulados	2.556.108,59
-----	-----
Lucros Acumulados	1.902.074,35
Lucro Liquido do Periodo	654.034,24

Biguacu (SC) 31 de Dezembro de 1998.

INDIL - Ind. e Distr. de Prod. Bovinos Ltda.

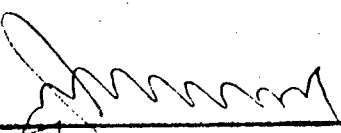
Luis Antonio Pinto Alaniz

Téc. Cont. CRC/SC 14.365
CIC 293.921.600-20José Lúcio Madeira
Diretor Administrativo

DEMONSTRACAO DO EXERCICIO ENCERRADO EM 31/12/98.

Receita Bruta de vendas	22.450.694,33
(-) I.C.M.S.	2.204.504,62
(-) Pis s/Faturamento	145.436,01
(-) Cofins s/Faturamento	447.495,43
(-) Devolucao de Vendas	75.922,81
Receita Liquida	19.577.335,46
(-) Custo das Mercadorias Vendidas	16.938.951,43
Lucro Bruto	2.618.384,03
(-) Despesas Operacionais	1.761.524,61
Despesas Administrativas	422.765,91
Despesas c/Vendas	986.453,78
Despesas Financeiras	158.537,21
Outras Despesas Operacionais	228.998,20
(+) Receitas Financeiras	35.230,49
Lucro Operacional	856.859,42
(-) Despesas n/Dedutíveis	5.497,30
Lucro Antes Provisao p/I.R.	851.362,12
(-) Contribuicao Social	68.348,97
(-) Provisao p/ Imposto de Renda	128.978,91
Lucro Liquido do Exercicio	654.034,24

Biguacu (SC), 31 de Dezembro de 1998.


 Luis Antônio Pinto Alaniz
 Téc. Cont. CRC/SC 14.365
 CIC 293.921.600-20

INDIL - Ind. e Distr. de Prod. Bovinos Ltda.


 José Lourenço Madeira
 Diretor Administrativo